

Atraso e confusão marcam visita do líder anti-apartheid ao Brasil

Mandela cria anticlímax ao dizer que há democracia racial no país

JOSÉ ARBEX

Da Reportagem Local

Poucas visitas ao Brasil foram tão mal organizadas como a do líder sul-africano Nelson Mandela, 73, iniciada no Rio, dia 1º. Foram cinco dias de atrasos e falta a compromissos. Políticos ansiosos por aparecer ao seu lado (como num visita papal) conseguiram mudar sua agenda, marcada por um amadorismo que, entre outras coisas, limitou o contato com a imprensa.

ANÁLISE

Mandela causou perplexidade —e até ira entre entidades de defesa de negros— ao afirmar, no Rio, que o Brasil é um "modelo avançado" de democracia racial. Deixou a impressão de um abismo entre as expectativas criadas pela visita (um jornal baiano, por exemplo, anunciava a chegada do "anjo negro da liberdade") e o seu resultado final.

Mandela chegou a São Paulo no dia 2, com seis horas de atraso. Não foi, à noite, ao "showmício" no estádio do Pacaembu, frustrando 4 mil pessoas que suportaram um frio de 6 graus durante quatro horas. Deu "furos" semelhantes em Salvador, Vitória e Brasília. "Cansaço causado pela idade" tornou-se uma explicação padrão que não consegue ocultar a



Alton de Freitas

Mandela na visita à UNB, marcada por confusão

precariedade da agenda.

Em Salvador, o prefeito Fernando José da Rocha (PRN) —considerado o pior do Brasil, por unanimidade em pesquisas de opinião— gastou Cr\$ 16 milhões na recepção a Mandela

(dos quais Cr\$ 4 milhões num busto em sua homenagem). O governador Antônio Carlos Magalhães (PFL) ofereceu um banquete para 100 pessoas. Nada podia contrastar mais com a miséria da maioria do Estado

mais negro do país (75% da população).

Governador e prefeito afirmam que não há segregação no Estado, cuja economia tem perfil de alta concentração de renda nas mãos de latifundiários, em sua maioria brancos. Significativamente, a quase totalidade dos agentes de segurança de Mandela em Salvador eram negros —fato excepcional, segundo jornalistas que trabalham na capital baiana.

Modificando a agenda original, o Congresso Nacional Africano (CNA) —organização presidida por Mandela— incluiu Vitória (ES) no roteiro. O governador do Estado, Albuíno Azeredo (PDT), que é negro, nega ter oferecido dinheiro ao CNA em troca da visita. Mas há algo mal explicado no reino capixaba.

Em junho, o porta-voz do obscuro grupo "Amandla", Jorge Xavier, disse à Folha ter intermediado contatos entre o CNA e Albuíno, que ofereceria algo em torno de US\$ 30 mil para financiar parte da visita. Uma integrante do Comitê de Recepção a Mandela de São Paulo, que pede para não ser identificada, diz que membros do "Amandla" participaram, no começo do ano, de um "Comitê pró-Iraque". O "comitê", verificou-se à época, foi uma falcatrua montada para desviar dinheiro.